

A BORBOLETA

A...

Foge, foge de mim... pobre creança!...
Não queiras meu amor!
Est'alma, onde não brilha a luz da esp'rança,
só póde dar-te a dôr!

Bem sei que, do meu peito, sob o gelo,
palpita o coração;
mas lá... tenho a descrença p'ra contel-o!
Não posso amar te... não!

Não posso, que da minha mocidade
começa o declinar!...
Quando já nem se vive da saudade...
é tarde para amar.

Porque não te encontrei—quando da vida—
—na quadra toda luz—
fui reclinar a fronte esmorecida
ao pé da minha cruz?!

Oh! se eu te visse então... talvez meus dias—
—replectos de soffrer—
podessem offertar-me as alegrias
d'um próspero viver!

Talvez que, nossas almas reunidas
N'um puro e santo amor...
podessem dar a esp'rança ás nossas vidas
em vez do luto e a dôr!

Mas tu, então, no berço repousavas
em placido dormir...
e os sonhos d'innocência revelavas
n'um candido sorrir!

A tua mãe—chorando-te a orphandade
nas trevas da viuvez—
já presentia n'alma a soledade
a noite em que te vês!

Já via em teu porvir, do avaro fado,
a descarnada mão,
assignalar-te o albergue reservado
da minha solidão!

Oh! para que vieste—ao meu martyrio—
mais uma dôr trazer?!

Não posso minorar o teu delirio...
calar o teu soffrer.

Foge, foge de mim... pobre creança...
não queiras meu amor.
Est'alma, onde nem brilha a luz da esp'rança,
só póde dar-te a dôr!

Porto, 22—1—77.

CLORINDA M. MACEDO.

D. FRANCISCO MARIA TUBINO

(Conclusão)

Pertence D. Tubino ao Congresso internacional de archeologia pre-historica, em cujo beneficio realisou viagens á Suissa, á Inglaterra, á Picardia, á Dinamarca, e á Suecia, examinando os seus museus. A sociedade anthropologica de Paris recompensou-lhe estes serviços, nomeando-o socio de numero. O mesmo fez a Sociedade real dos antiquarios de Copenhague.

Em 1862 foi admittido na Academia de sciencias e boas lettras, de Sevilha, escrevendo por tal motivo uma dissertação sobre a influencia da mulher na civilisação.

Em 1865 foi nomeado deputado provincial por um dos circulos de Sevilha, recebendo suffragios de todos os partidos—cargo que renunciou quando se declarou antidinastico.

O snr. Tubino escreveu as seguintes obras:—*D. Quijote y la Estafeta de Urganda*, ensaio critico philosophico, do qual o publico exauriu logo duas edições; *Gibraltar ante la historia*; *La diplomacia y la politica* (edic. esgotada); *Estudios contemporaneos*; *Murillo, su tiempo, su vida y sus obras*; *Un trono en Mejico*; *Revista de historia arqueologica y bellas artes* (2 tomos); *Estudo pre-historico*; *Pablo de cespedes*, estudo de historia artistica premiado pela Academia nacional de bellas artes; e *Los Aborigenes Ibericos*; alem da mencionada *Memoria sobre os codices que trouxe de Marrocos*.

São muitos os seus artigos em periodicos scientificos e litterarios, como as duas *Ilustrações*, *Revista da Universidade de Madrid*, e *Revista Occidental*, onde escreveu o *Germanismo na peninsula*.

Tem collaborado nos *Materiaux pour l'histoire positive de l'homme*, Paris; na *Revista Europea* de Florença, e no *Archivo de Anthropologia e Ethnologia* da mesma cidade.

Tem sustentado no Atheneu de Madrid e no Circulo philosophico a bandeira do naturalismo allemão contemporaneo.

A sua escola philosophica é a de Darwin, Broca, Huxley, Schaaflausen, e outros sabios naturalistas, com quem está relacionado.

Dos jornaes que tem feito sentir a im-

portancia dos trabalhos de D. Tubino, só mencionaremos a *Democracie* de Paris onde A. Naquet, professor de Chimica na Escola de Medicina, lhe escreveu a biographia.

Na relação dos criticos hespanhoes, figura na primeira plana o nome de D. Francisco Maria Tubino, já pela variedade dos seus conhecimentos bebidos no estudo do gabinete e das viagens, já pelo arrojado de suas theorias sobre a politica e sobre o homem, já finalmente pela consciencia e bom senso com que investiga os factos, e os expõe.

Portugal deve-lhe o grande serviço, embora commum á peninsula, em estreitar as nossas relações litterarias com Hespanha, servindo-se para esse fim de *La Academia*, excellent journal collaborado por escriptores d'um e outro paiz.

Viscu—1877.

J. SIMÕES DIAS.

CULTO DAS PEDRAS

...sólo apuntaremos breves indicaciones...

D. Tubino—Hist. y Progr. de la Arqueol. Prehist.

I.—Entre os assumptos da archeologia prehistorica — sciencia nova na duração, mas provecta nos resultados— assume um dos logares principaes o *culto das pedras*.—Figura entre os estudos mais abastados em fructos maravilhosos.

Não são novos os lineamentos d'este assumpto.—Occuparam-se d'elle, na antiguidade classica, não poucos dos seus eruditos.

Por occasião de nos dizerem as *virtudes occultas*, que de commum consenso lhes attribuíam; disseram-nos tambem a origem que lhes suppunham.—Disseram-nos ao mesmo tempo a significação em que as tinham.

II.—O escriptor *Sanchoniaton* falla-nos dos *betulos*, com que os sacerdotes representavam liturgicamente a divindade.—Davam-lhes estes ministros logares especiaes, e consagravam-nos a Jupiter e a Saturno.

O escriptor *Sotacus* detem-se em classificá-los com miudeza, confundindo-os não obstante com outros fosseis, e com não poucos restos prehistoricos da industria humana,

No geral, eram os *betulos* uns *ouriços do mar* no estado de petrificação:—e foram objectos de superstição dos hebreus, assim como dos phenicios, e dos gregos e romanos.

III.—Entre os gregos, deu-se um culto de predilecção ás *brontias*:—e attribuiu-se-lhes o trovão como origem.

Se nos *betulos* se reconhecia o dom da palavra, como sendo moradas dos genios; reconhecia-se nas *brontias* o testemunho da cholera divina, manifestada entre brilhos de luz tiznadora.

Houve escriptores no entanto, para quem eram o mesmo os *betulos* e as *brontias*, assim como ainda as *glosopetras*—objectos todos do culto pagão.

IV.—Assim como se dizia, que fôra um *betulo a pedra embrulhada*, que Rhea-Cybele offerecêra á voracidade de Saturno em logar de Jupiter; assim se dizia igualmente, que os homens tinham sido transformações das *pedras*, que *Deucalion* depois do diluvio tinha arrojado para traz de si.

A's mulheres, attribuiu-se-lhes uma origem concomitante.—Suppunham-se a transformação das *pedras*, que na mesma occasião arrojára para traz de si *Pyrrha*—mulher d'esse rei famigerado da Thessalia.

Do oraculo de Themis, é de quem se dizia provindo o conselho para a repovoação da *terra* por essa fórmula:—dizendo-se que o mesmo oraculo o annunciára por estas palavras:—*Lança para traz de vós os ossos de vossa mãe*.

V.—Depois das superstições dos antigos, em relação aos fosseis e aos meteoritos, são as *ceraunias* as pedras de maior vulto pagão.—Nenhumas outras as sobrelevaram n'este ponto.

Entre os gregos e os romanos, dava-se este nome ás *hachas de pedra* dos seus aborigenes:—e olhavam-se como provenientes do trovão, chamando-se-lhes *pedras de raio* na phraseologia vulgar.—Equiparavam-se por este lado ás *brontias*.

Eram de silex estas *hachas*; assim como de *diorita*, *jade*, *obsidiana*, e outras rochas quartzosas.

Ainda hoje no meio da gente do campo—nos paizes mais illustrados—são objecto d'assombro e respeito estas *pedras do raio*!

Ainda hoje—com 19 seculos de catholicismo, alumiados pela luz esplendorosa da civilisação, transmittida pelas corren-

tes electricas do progresso — não foram capazes de desarraigá-las do povo estas crenças pueris!

(*Continúa*)

Braga.

PEREIRA-CALDAS.

SOBRE O TUMULO

Da minha pobre amiga D. Laura A. da C. S.

I

Onde estão, Laura, essas imagens lucidas que despertar-nos vem do abril a flor? sempre risonhas, seductoras sempre, d'um mundo roseo de vivaz fulgor?

Onde, donzella, donairosos lyrios, urnas d'aljofres que a manhã soltou? hymnos das auras, prantear das aguas, santa harmonia que teu seio amou?

Onde d'aurora o diamante enorme que brilha ao centro d'uma tela azul? das musas lindas no arrebol da tarde doirada purp'ra que se ostenta ao sul?

Onde se occulta de ch'rubim formoso o doce vulto que saudei em ti? vertendo lagrimas d'um pae no tumulo onde a alva rola que saudosa ouvi?

E debruçada sobre o corpo exanime d'infeliz moço a quem irmão chamou, recordando outro que finara em Africa, onde essa victima que a dor vergou?

II

Oh! dos sepulchros a cruel voragem em seus horrores tua linda imagem já confundiu tambem!...

Em vão tentou da Parca, á foice nua, subtrair-te a vida que era sua um coração de mãe!...

Pereceste, anjo martyr, firme erguendo a cruz, que um outro anjo, cá descendo em teu berço depoz.

Abriras, casta rosa, ao sol do dia quando a procella em brumas t'envolvía, roubando-t'a veloz!

Ai! como ainda sinto n'alma ardente cair teu pranto, qual adeus pungente de vida que se esvae!...

Não pude Laura, ai, encurtar-te as dores dizer-te :—amiga, o teu vergel de flores no ceo crescendo vai!

Perdoa, sim, ó virgem, que terrível nos separou a sorte em dia horrível para não mais te ver!...

Morreste, Laura!.. Oh! não; de Deus na gloria archanjo, vives: d'eternal victoria foste a palma colher!

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ.

O CHOCOLATE.

III

(*Conclusão*)

Talvez n'aquelles climas este uso instinctivo pode dar bons resultados.

O assucar e o batedôr, que por meio da agitação constante impregna de ar o chocolate e o torna mais leve; tudo e a boa cocção do mesmo são boas condições—que o tornam de mais facil digestão.

O chocolate é um alimento analeptico. Dos chocolates de salepo, de sagú, de ferro etc. temos tirado optimos resultados. E' susceptível de reparar as forças perdidas. Richelieu e Sevigné tinham esta bebida em grande conta. Devêmos crêr que é uma bebida restaurante das forças, um alimento, porque pela chimica devemos saber quanta proporção consideravel de materias gordas e azotadas entram na sua composição. Nem o racahout e o palamoud das Udaliscas lhe levam a palma, pois que nesta composição se associam ao cacáo diferentes feculas, assucares e arômas, mas sem a superioridade analeptica do chocolate.

Nós apreciamos muito o chocolate como alimento, principalmente quando usado pelas pessoas magras e nervosas, e consideramol-o, d'accordo com as ideas do nosso amigo Fonsagrives, distincto professor de hygiene da Faculdade medica de Montpellier, facilmente assimilavel. O chocolate engorda, mas não embrutece, como pensam alguns escriptores.

Já d'elle fallaram Delille e Metastasio nos seus sublimes versos. Se elle não aclará as ideias como chá, e principalmente o café, pelo menos não os transtorna. Que o chocolate seja o nosso almoço favorito;

que o café nos entretenha depois do jantar com as animadas conversações e á noute, quando temos difficeis estudos; e que o chá continue a honrar sempre os salões, e sempre a ser a bebida da moda, principalmente n'estes grandes serões de inverno, e na interessante e influente companhia do sexo amavel. São estes os nossos ardentes desejos.

Os alimentos são como os livros, diz Fonsagriyes: procuram-se menos os que nutrem, do que aquelles que excitam os nervos.

E é por isto que o chá e o café, ainda mesmo em Portugal, tem uso mais constante do que o chocolate. E' porém conveniente que se dê a cada una d'estas bebidas o seu devido logar. Assim, todos neste mundo social, em que vivêmos, ficaremos tranquillos e satisfeitos, usando d'ellas na occasião opportuna.

Lisboa.

DR. LINO DE MACEDO.

PINTURA A FRESCO

Que lingua haverá tão depravada
que—com torpes e falsos argumentos—
diga que—da mulher os pensamentos—
são baixos, pueris, não valem nada!

E' estúpida e absurda tal tirada!...
Nem merece, sequer, apontamentos!
A bôcca, que traduz taes sentimentos,
melhor é, com certeza, estar calada.

Não ha ninguem—de certo—que os sustente.
A mulher tem idéas. Quem desmente
que fez, das descobertas, a mais rara?

A quem se deve pois a grande empreza
de reformar n'um prompto a natureza...
mostrando cada dia *nova cara*?

Porto, abril, 77.

DAVID DE CASTRO.

CINTRA

(Continuação)

Dizem alguns historiadores que esta povoação foi fundada 308 annos antes de Christo, pelos povos adoradores da lua, que a ella elevavam altares de que se teem encontrado vestigios.

Da excellencia d'este clima, da pureza da sua agua

. saborosa

Mais que o licor do Rheno, como disse o immortal Garrett, da riqueza dos seus marmores, dos seus saborosos fructos, fallam diversos escriptores e entre elles Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção de Portugal*, visconde de Jeromenha, na «Cintra Pittoresca», «Chorographia», do padre Antonio Carvalho, «Mappa de Portugal», de João Baptista de Castro, frei Agostinho de Santa Maria, e outros muitos.

Na praça da villa está situado o palacio real, obra de D. João 1.º, o rei popular, o melhor rei de todos os nossos reis. Abi vê-se a casa chamada dos *infantes*, a casa dos *cysnes*, a das *pegas*, que D. João 1.º mandou pintar d'aquelle modo por causa d'um beijo, que dera n'uma dama, na occasião em que entrava na sala sua mulher D. Philippa. Como as pegas são palradoras, o Mestre d'Aviz quiz d'aquella fórma que se publicasse a sua innocencia.

Outros dizem que tendo as damas da rainha denunciado aquelle facto por todo o paço, o rei mandára pintar as pegas como allusivas ás damas, por serem muito falladoras. D. João 1.º lá soube a razão de tudo isto, e o que apostamos é que D. Philippa não desejaría mais d'aquelles innocentes acontecimentos...

A sala das armas foi mandada fazer por D. Manoel: tem no tecto as armas reaes de Portugal, ao redor as do principe, infante D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Duarte, D. Izabel e D. Brites.

Depois vêem-se setenta e quatro brazões, com o que está sobre a porta, de diversos appellidos, pendentes cada um do collo de um veado; nas pontas d'estes estão os timbres.

Para colligir estes brazões das familias mais nobres de Portugal, mandou D. Manoel o seu rei d'armas ás cortes de França e d'Alemanha.

São notaveis tambem as duas grandes chaminés, talvez as unicas que d'aquella construcção hajam na Europa: dando-se uma pancada forte em alguma meza collocada proximo d'ellas, produz detonação semelhante o um tiro de peça.

N'este paço real mostra-se a casa em que esteve encerrado por espaço de oito annos D. Affonso VI. Os tijolos vêem-se gastos no sitio em que aquelle infeliz monarcha por tanto tempo passou, Confrange-se

o espirito ao meditar em tamanha barbaridade. Um dia, ao findar a missa a que assistia, foram encontral-o morto, n'um pequeno quarto junto do côro, para onde o levavam, não sendo visto do povo, que se o visse talvez se erguesse inspirado pelo sentimento de tão grande martyrio e tamanha iniquidade.

C. GOODOLPHIM.

(Continua)

O NINHO DE ANDORINHAS

O ninho do beiral do meu telhado,
Que resistiu á chuva, ao frio, ao vento,
Sem vida, sem calor, sem movimento,
Sem gorgeios d'amor, abandonado;

Está de novo affecto engrinaldado,
Aquecido de novo sentimento,
Resurgiu do fatal esquecimento
A que fôra, no inverno, condemnado.

Não sei se o mesmo par o habita agora,
O par das andorinhas d'outros dias,
De que a propria ventura se enamora.

Sei que ha la dentro um mundo d'alegrias,
Em quanto a primavera ao sol o inflora,
Até que o chamem outras harmonias!

1877.

CHARLES PRATIER.

A EMBRIAGUEZ

(Ao meu amigo Manoel Antonio dos Santos).

(Conclusão)

E a humanidade precisa de muita luz para a esclarecer; não basta só abrir academias e lyceus, proclamar o reinado do progresso, acender o facho brilhante das sciencias e apregoar melhoramentos e descobertas; é necessario mais, é necessario que primeiro se instrua o povo, que se lhe ensine quaes os seus deveres; porque se a sociedade é a reunião de individuos e a associação do povo, a sociedade será desgraçada se o povo for ignorante. Cumpre, primeiro que se levante um edificio, firmar-lhe bem os alicerces, do contrario a mão do tempo derrubal-o-ha em breve.

Quereis as sociedades perfeitas? Educacae bem o povo. A solução do problema não requer grandes conhecimentos geometricos.

Hoje, no seculo que atravessamos, a educação popular merece pouca importancia, como se d'ella não dependesse o futuro das sociedades e o bem estar das nações; desconhecem que d'ella deriva immediatamente tudo o que as nacionalidades mais orgulho teriam de possuir.

A falta d'instrucção é semente de vicios; medram á sombra da arvore da ignorancia, que os protege.

A occiosidade acompanha sempre o homem ao plano inclinado da corrupção; resvala porque lhe é impossivel retroceder.

A embriaguez provém, pois, da falta d'instrucção, e d'uma occiosidade criminosa. O artista que abriga na alma a flor dos sentimentos nobres, que tem no lar a esposa que o adora e os filhinhos que lhe dulcificam a existencia, que trabalha cheio de consolações e affectos, para levar o pão e a vida á familia estremecida, que tem a intelligencia esclarecida e a consciencia pura, não se perde no labyrintho dos vicios, porque conhece que existe em si mais que a materia que o compõe.

Pelo contrario, o operario que perdeu a honra e a saude nas loucuras dos bordéis, que não tem affectos nem lar, orphão de caricias, abandonado de todos, idolatra da torpeza, sem os affagos da esposa mas com os falsos cuidados d'uma perdida que lhe chama amante, esse homem, é ebrio por necessidade—embriaga-se para se esquecer. O vinho para estes é o Lethes, ou ainda mais; não só faz esquecer, torna idiota e doido.

Reduzido o homem ás estreitezas abjectas d'um viver desregrado, torna-se faccinora, rouba, mata, e depois lá o espera a enxerga do hospital e os chãs do cemiterio.

O uso irregular das bebidas, alem de atirar o homem para o charco d'um viver infame, produz uma molestia que a therapeutica consigna no catalogo das incuraveis, e que reduz a creatura a um estado abjecto, immundo, altamente repugnante. *Delirium tremens* nome porque é geralmente conhecida essa molestia, é o ultimo degrau da escada dos vicios; chegado lá, é irremediavel a perdição.

Terrivel vicio! Vêde o ebrio, o homem, a mulher, sem conhecimento de si, bestializados, descompostos, devairados, cambaleando sempre, cahindo aqui, erguendo-se acolá, rotos, ensanguentados... e a sociedade não ha de procurar pôr termo a estes espectaculos vergonhosos que são a

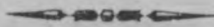
deshonra d'um paiz e um escarneo á civilisação ?

Instrucção e moralidade no povo, luz aos que vivem nas trevas, amor aos que se sustentam d'odio, caridade aos que se estorcem na miseria.

Delinuiu o homem, dae-lhe por castigo o conhecimento do delicto; peccou a mulher, levanta-e-a, mostrando-lhe a perdição que a esperava—: instrucção ao povo, que é da'quillo que elle mais precisa. Educac-o convenientemente; dae-lhe Deus e trabalho,—só assim se conseguirá a perfectibilidade das sociedades pela moralisação do povo, fechando-se para sempre a taberna e o alcouce, que são o ferrete, d'ignominia estampado na frente das sociedades atrazadoras.

FIRMINO PEREIRA.

Porto.



PAZ

Quando comigo forem enterrar
Meu triste coração na negra urna
Passados dias hão de ver brotar
A flôr d'Esperança escura e taciturna!

Ella ha de abrir nas noutes de luar,
Esplendida! no grande Esquecimento,
Assignalando ao triste que passar
—Ultima phrase d'um soffrer cruento.

Cuidado, ó pecadores! ó, cuidado!
Lavrai-lhe a terra bem, que vosso arado,
O riso, não lhe toque nas raizes...

Aspirae-lhe o arôma que Ella lança,
Porque essa flor a que chamaes Esp'rança
E' o somno ideal dos Infelizes!

Porto.

CATÃO SIMÕES.

ANTIGUIDADES EM TRÁS-OS-MONTES

III

Vamos occupar-nos d'uma outra construcção, que se encontra na antiga villa de que vimos fallando.

E' uma fonte, conhecida pelo nome de *Fonte de D. Urraca*: — junto d'essa mesma fonte existem umas casas já desbaratadas, mas que mostram ainda terem sido grandes, conhecidas tambem pelo nome de *Casas de D. Urraca*.

Qual será a razão porque o nome d'uma

das nossas primeiras rainhas que tivemos, se acha vinculado a estes monumentos, como para attestar a sua antiguidade immorreidora?— Conta-se que passando n'estes sitios D. Urraca, esposa de D. Afonso II, rei de Portugal, n'elles se demorára alguns dias; como porem não houvesse commodidades para o agasalho da real comitiva e seu sequito, tivera de mandar construir as casas que ainda hoje se vê junto da fonte, e que são conhecidas vulgarmente pelo nome de *Casas da Urraca*.

Esta é a tradição oral, que julgo não ser destituída de fundamento; porque a pedra d'armas que se encontra á entrada da habitação, ainda mostra claramente o formato das antigas armas reaes, vendose ahi desenhadas perfeitamente as quinas portuguezas. Isto leva a crêr que aquella casa, hoje meio arruinada, já serviu outr'ora para altos destinos, quaes foram o agasalhamento d'uma illustre princeza, que quiz deixar o seu nome unido a dous monumentos, como para affirmar aos vindouros os favores da munificencia régia.

A fonte publica, que conserva tambem ainda hoje o nome da esposa de nosso 3.º rei, é digna de menção, porque a forma da construcção a torna notavel entre os monumentos d'esta ordem.

A fonte, á qual conviria mais o nome de cisterna, está collocada algumas braças abaixo do solo: — desce-se para ella por uma escada aberta n'uma rocha.

No fundo dos degráus e por uma fenda jorra a agua, a qual na sua maior altura tem chegado a cobrir a escada e vazzar para fóra.

Está coberta com algumas pedras em fórma de arco, perfeitamente unidas, e a bastante altura do sólo, de fórma que não pôde deixar de admirar-se a arte e a symetria, com que alli foram collocadas. Na frente vê-se gravado um letreiro, que mostra ser antiquissimo, em virtude das letras estarem quasi já desintelligiveis porisso que a mão do tempo as tem obliterado, e o arco da fonte se achar muito denegrido,—letreiro ou inscripção esta que parece dizer, ou devia dizer—*Fonte de D. Urraca*.

Por todas estas razões não deveriamos omittir estes dous monumentos, visto que o nosso scôpo é mencionar algumas antiguidades em que a província de Trás-os-Montes abunda.

(Continúa). M. ALMEIDA BARBOSA.

CANÇÃO

A' exc.^{ma} Snr.^a D. Emilia V. M. Paiva

A lua que esplandece nos espaços
Passêa a frente por um ceo d'anil;
Imprime alentos ao cantor das selvas,
Dá luz aos sonhos d'um amor febril.

Sorri segredos de tristeza infinda,
Sorri affectos de ternura e dor,
Pratea o rio que a dormir soluça,
Imprime á lyra vibrações d'amor.

Astro d'encantos, de altivez sombria,
Pharol eterno de bemdita luz,
Exhalas n'alma com ardor lascivo
Castas endeixas de movente flux.

Broche risonho que fulgura bello
Lá n'essa téla d'um azul sem par,
Acendes chammas de calor ardente
N'esta alma pura que te sabe amar.

Serêa amena dos palmares do ceo,
Astro das noites, da amplidão, do mar;
E's forte, immensa d'eternaes segredos
Bahhando a terra em vagas de luar.

Tu és a deusa do silencio morno,
Tu és a noiva que namora o ceo;
Olhas serena tua eterna irmã,
Que tu involves n'um lar sem veo.

Huri formosa das estivas noites
Que tem no seio impetuoso amor,
Dá-me que eu possa adormecer um dia
No teu regaço d'immortal fulgor.

Braga

ALVARO SEQUEIRA.

D. JOÃO II

II

Os tres estados do reino

(Continuação)

Evora, a antiga e patriótica cidade, que no tempo do vasto imperio romano soubera sustentar a independencia da Lusitania, foi por longo tempo a residencia dos dous grandes capitães Viriato e Sertorio.

Foi d'alli que aquelles valentes campeões da liberdade lusitana, souberam impedir o passo ao dominadores do mundo.

As aguias imperiaes, só depois de mui-

to esvoaçar em torno da preza, e sahirem as mais das vezes malferidas nos combates, é que poderam pousar na nobre terra que pertendiam subjugar, e ainda assim a traição não foi alheia aos vencedores.

Os restos dos antigos monumentos que Evora ainda hoje nos apresenta, são a prova mais eloquente do illustrado governo de Sertorio.

As nações, como as familias, teem epochas de grandesa e de decadencia. Depois do poder da Grecia a grandeza de Roma, que os barbaros do norte destruíram, quando na sua invasão se assenhorearam dos dominios romanos.

Depois dos visigodos os moiros, aos quaes a illustre cidade de Evora teve de se sujeitar.

Em 1166 foi esta cidade incluída na monarchia portugueza, então ainda ha pouco fundada pelo inclito principe Affonso Henriques, nos plainos de Ourique.

Ao esforço inaudito de Giraldo Giraldes, chamado o sem pavor, deve a cidade de Evora o ter erguido em seus heroicos muros o estandarte da Cruz.

Até D. Sebastião teve ella a honra de ser por muitas vezes a côrte de nossos reis, e alli se passaram muitos dos importantes acontecimentos da nossa historia, especialmente no reinado de D. João II.

E' um d'esses acontecimentos que tentamos narrar no presente capitulo, conforme as poucas memorias que nós possuímos d'aquelle tempo.

Corria o mez de novembro de 1481, e na cidade de Evora achavam-se já os representantes dos tres braços dos estados geraes, que se formavam da nobreza, clero e povo; os quaes haviam sido convocados pelo novo soberano, e de quem sómente esperavam que fosse marcado o dia solemne d'abertura.

Sempre que os reis de Portugal, especialmente aquelles que de si nos deixaram gloriosa memoria, quizeram melhor acertar na publica administração, convocaram amiudadas vezes as côrtes, para ahi ouvir a voz da nação, por meio de seus procuradores.

N'ellas se fallava por muitas vezes com desassombro, e os representantes do povo em plena assembleia não temiam formular as suas queixas contra a nobreza e o clero, quando estas duas classes o vexava; e o rei applaudia esse desassombro, quando era dotado de bom tino politico, porque então não desconhecía que do povo lhe vinha o seu direito e força.

Nas cortes reunidas por D. Fernando, pediu-lhe o povo que se servisse convocar-as frequentes vezes, e o soberano do alto do seu orgulho respondeu, que as havia de convocar quando quizesse!

Assim fez; mas o resultado da deliberação do monarcha foi depois a eleição de um rei popular como D. João I, que acatando sempre a voz d'aquelle a quem devia o throno, as celebrara durante o seu longo reinado por vinte e duas vezes.

E d'essa boa harmonia entre o rei e o povo, resultou a boa administração do reino, e o esplendor do seu reinado.

Todas as vezes que os soberanos despresavam a voz do povo, sobre o qual tinham a ventura de reinar, aponta-nos a historia os desvarios e desperdícios na fazenda publica, perdendo Portugal o conceito que gozava perante as nações da Europa; e isto teve logar desde o começo do reinado de D. João III, esse rei fanatico e sombrio, que só se alegrava em ver assar hereges nas praças publicas da sua capital!

Desde então, ó que vemos na historia imparcial até á queda do poder despotico?

A brilhante estrella de Portugal eclipsar-se nos plainos de Alcacer-quibir, os jesuitas senhores das consciencias dos reis, e a inquisição com as suas fogueiras a embrutecer o povo!

O genio audaz o guerreiro do povo de Affonso I, de D. João e D. Manoel, desse povo que abria á Europa o caminho da India, que lhe dera o Brazil, havia-se amorticido; e ás nações estranhas não chegava mais a noticia de uma descoberta ou de um feito brilhante dos portuguezes na America e na Azia; mas sabiam em compensação, que el-rei assistia aos autos de fé com a serenidade que dá uma boa acção!

Mas quem nos diz, se á noite, quando recolhido as seus aposentos dourados, sob as ricas cortinas de seda da India guarnecidas de custosas rendas de Flandres, que prendiam á coroa real que as sustentava, elle não via passar ante o seu abatido espirito as victimas de um fanatismo estúpido?

Mas não havia duvida, la estava um Torquemada para o absolver, e o erario para opulentar a ordem!

Durante esse longo periodo, só tres acontecimentos notaveis vieram provar ao mundo, que os portuguezes eram capazes de novos commettimentos, quando sobre elles não pezasse um jugo de ferro.

Esses acontecimentos são: a revolução de 1640 que libertou o paiz do poder de

Castella, cabendo a maior gloria a João Pinto Ribeiro, esse benemérito filho do povo; os vinte oito annos que se lhe seguiram de brilhantes victorias para as nossas armas, e a administração do sabio marquez de Pombal, que provou á Europa que Portugal tornava a ser nação.

SOARES ROMEO JUNIOR.

BIBLIOGRAPHIA

Acabamos de ler o romance historico intitulado *Um conflicto na côrte*, escripto pelo snr. Alberto Pimentel, e publicado pela respeitavel casa editora *Carvalho & C.^a*, de Lisboa.

Escrepta em portuguez de lei; cheia de lances que despertam irresistivelmente a attenção do leitor; esta obra é digna de ser lida e archivada, a par dos bons romances portuguezes, pelos amadores da litteratura.

Não a leia quem quizer certificar-se da contractilidade dos nervos ante o lampear sinistro dos punhaes, ou perante um cadaver mutilado.

Não a leia quem adora o passeiar, de braço dado com a Decadencia da Arte, n'um mundo de inverosimilhanças e anormalidades, que deixam a perder de vista as *Mil e uma noites*, e quanta maravilha imaginações inflammadas teem produzido.

Parece-nos poder affirmar com alguns collegas que este livro é o melhor das já numerosas produções do auctor, a quem seria loucura imperdoavel negar muito talento, e competencia litteraria.

Conhecemos quasi todas as obras de Alberto Pimentel, e, francamente o disemos, parece-nos, que as bellezas d'uma ou d'outra de entre ellas não compensam muito a fadiga da leitura.

Este romance, porem, que com deleite e interesse lemos, é excellente e affirma d'um modo irrecusavel os creditos do talentoso escriptor.

Temos grande predilecção pelo romance historico, se elle é digno d'esta denominação, como o de que vimos disendo. E' um trabalho difficil que exige muito estudo, e muita intelligencia. Não deveriam, pois, malbaratar tempo, e estragar papel, tentando este genero de litteratura, algumas nullidades que nós conhecemos, e cuja reputação litteraria descança em Atlantes de papelão.

O romance *Um conflicto na côrte* é um bom livro.

DIAS FREITAS.